

A  
QUÍMICA  
QUE HÁ  
ENTRE  
NÓS



KRYSTAL  
SUTHERLAND

# SUMÁRIO

*Pular sumário* [ »» ]

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Observações

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*Para minha família, por tudo, para sempre.*



## CAPÍTULO 1

**Sempre pensei que o momento** em que você conhece o grande amor da sua vida fosse mais parecido com os filmes. Não idêntico a momentos cinematográficos, é óbvio, com câmera lenta, cabelo esvoaçando na brisa e uma trilha sonora instrumental bombástica. Mas eu imaginava que ao menos haveria algo, sabe? O coração saindo pela boca. Um puxão na alma onde *algo* de dentro diz: “Putá merda. Lá está ela. Até que enfim, depois de todo esse tempo, lá está ela”.

Não houve nada disso quando Grace Town entrou dez minutos atrasada na aula de teatro da sra. Beady, na tarde da segunda terça-feira do último ano. Grace era o tipo de pessoa que causava uma impressão em qualquer cômodo em que entrasse, mas não pelos motivos que geram afeto instantâneo e eterno. Ela tinha altura, corpo e beleza medianos, todas as coisas que deveriam ter facilitado que ela se enturmasse em uma nova escola de ensino médio sem nenhum dos estereótipos dramáticos que em geral estão presentes em narrativas assim.

Mas três coisas em Grace se destacavam, antes que sua

normalidade pudesse salvá-la:

1. Grace estava vestida da cabeça aos pés em roupas de garoto. Não o tipo de look *tomboy* ou skatista, mas roupas masculinas reais, que eram grandes demais para ela. O jeans que era para ser *skinny* estava preso por um cinto. Apesar de ainda ser meados de setembro, ela usava um suéter com uma camisa xadrez, um gorro e um longo colar de couro com um pingente de âncora.
2. Grace parecia imunda e doente. Quer dizer, eu já tinha visto viciados em drogas que estavam com uma cara melhor do que a que ela tinha naquele dia. (Eu não tinha visto muitos viciados em drogas de verdade, mas eu havia assistido a *A escuta* e *Breaking bad*, o que totalmente conta.) O cabelo loiro estava bagunçado e mal cortado, sua pele estava amarelada, e tenho quase certeza de que, se eu a tivesse cheirado em qualquer ponto durante aquele dia, ela federia.
3. Como se isso tudo não fosse suficiente para estragar de fato as chances de ela se enturmar em uma nova escola, Grace Town andava com uma bengala.

E foi assim que aconteceu. Foi assim que a vi pela primeira vez. Não houve nenhuma câmera lenta, nada de brisa, nada de trilha sonora e, definitivamente, nenhum coração saindo pela boca. Grace mancou para dentro da sala dez minutos atrasada, em silêncio, como se fosse a dona do lugar, como se estivesse na nossa classe há anos, e talvez porque ela fosse nova ou porque ela fosse esquisita, ou porque a professora conseguia notar apenas de olhar para ela que uma pequena parte de sua alma estava ferida, a sra. Beady não disse nada. Grace se sentou em uma cadeira no fundo da sala de teatro com paredes pretas, sua bengala descansando entre as coxas, e não disse nada para ninguém por toda a aula.

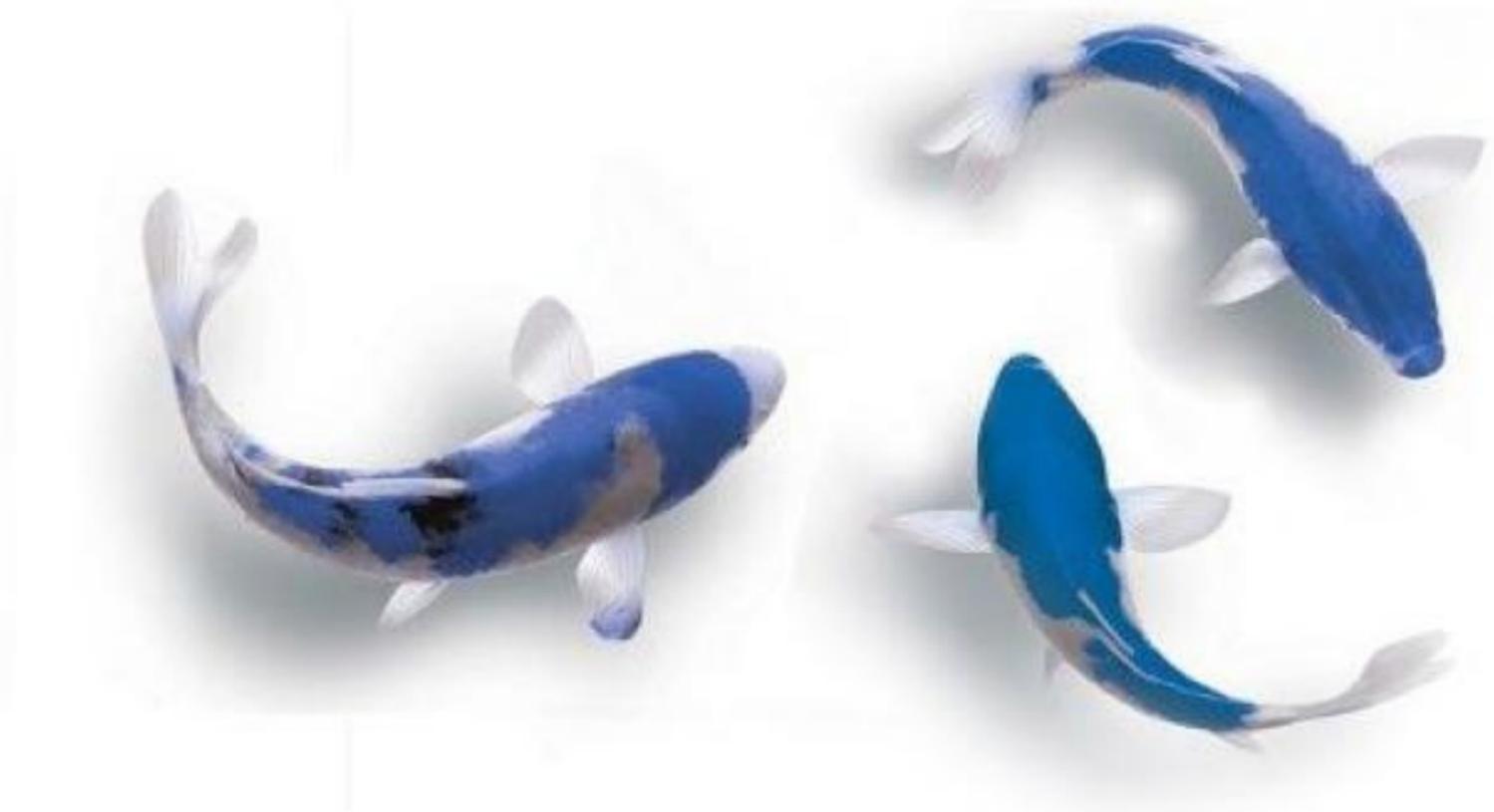
Olhei para ela mais duas vezes, mas no final da aula eu já tinha me esquecido de que ela estava lá, e ela foi embora sem ninguém notar.

Então esta, com certeza, não é uma história de amor à primeira vista.

Mas esta é uma história de amor.

Bom.

Mais ou menos.



## CAPÍTULO 2

**A primeira semana do último ano**, antes da aparição súbita de Grace Town, tinha passado tão rotineiramente quanto o ensino médio pode ser. Havia acontecido apenas três escândalos de menor importância até o momento: um aluno do segundo ano tinha sido suspenso por fumar no banheiro feminino (se você vai ser suspenso por alguma coisa, pelo menos faça algo que não seja clichê), um suspeito anônimo tinha postado no YouTube vídeos de uma briga no estacionamento após a aula (a administração estava pirando por causa desse) e havia rumores circulando de que Chance Osenberg e Billy Costa tinham transmitido uma DST um para o outro depois de fazer sexo sem proteção com a mesma garota (eu gostaria de estar inventando essa, caros leitores).

Minha vida havia permanecido, como sempre, completamente livre de escândalos. Eu tinha dezessete anos de idade, um garoto esquisito e magricela, do tipo que você contrataria para atuar como um jovem Keanu Reeves se já tivesse gastado a maioria do orçamento com efeitos especiais ruins e serviços de bufê para a equipe. Nunca tinha sequer fumado um cigarro passivamente e ninguém, graças a

Deus, havia me abordado em relação a transar sem camisinha. Meu cabelo escuro batia nos ombros e eu tinha começado a gostar bastante de usar uma das jaquetas esportivas dos anos 1980 do meu pai. Você poderia dizer que eu era algo parecido a uma mistura de Summer Glau masculino com Severo Snape. Subtraia o nariz adunco, acrescenta algumas covinhas e, *ei, presto*: a receita perfeita para um Henry Isaac Page.

Eu estava, naquele momento, também desinteressado por garotas (ou garotos, caso você esteja se perguntando). Meus amigos tinham começado e terminado relacionamentos adolescentes dramáticos por quase cinco anos agora, mas eu não tinha tido sequer uma quedinha de verdade por alguém. Claro, houve Abigail Turner no jardim de infância (eu a beijei na bochecha quando ela não estava esperando; nosso relacionamento decaiu com rapidez depois disso), e eu tinha tido uma obsessão em me casar com Sophi Zhou por pelo menos três anos do início do ensino fundamental, mas depois que cheguei à puberdade foi como se tivessem apertado um botão dentro de mim, e em vez de me tornar um monstro sexual dominado por testosterona como a maioria dos caras na minha escola, fui malsucedido em encontrar qualquer pessoa que eu quisesse na minha vida desse jeito.

Eu estava feliz de me concentrar nos estudos e conseguir as notas de que precisava para entrar em uma universidade semidecente, que é o motivo pelo qual provavelmente não pensei em Grace Town de novo por pelo menos alguns dias. Talvez eu nunca tivesse entrado, se não fosse pela intervenção de um tal sr. Alistair Hink, professor de inglês.

O que sei sobre o sr. Hink ainda está muito reduzido ao que alunos de ensino médio sabem sobre seus professores. Ele exibia uma caspa terrível, que não teria sido tão perceptível se ele não insistisse em usar golas olímpicas pretas todos os dias, cuja cor claramente contrastava com a fina poeira branca em seus ombros como neve caída no asfalto. Pelo que eu conseguia identificar de sua mão esquerda nua, ele não era casado, o que provavelmente tinha muito a ver com a caspa e com o fato de que ele se parecia muito com o

irmão do Napoleon Dynamite, Kip.

Hink também era apaixonado pela língua inglesa com ferocidade, tanto que em uma ocasião, quando minha aula de matemática acabou cinco minutos mais tarde e, assim, consumiu parte da lição de inglês, Hink chamou a atenção do professor de matemática, sr. Babcock, e deu a ele uma palestra sobre como as artes não eram menos importantes do que matemática. Muitos estudantes riram dele entredentes — eles estavam destinados, em sua maioria, a carreiras em engenharia ou ciência ou atendimento ao consumidor, suponho —, mas, ao olhar para trás, consigo localizar com precisão aquela tarde sufocante na sala de aula de inglês como o momento em que me apaixonei pela ideia de me tornar um escritor.

Eu sempre fora bom em redação, em colocar palavras juntas. Algumas pessoas nascem com um ouvido para música, algumas pessoas nascem com um talento para desenhar, algumas pessoas — gente como eu, acho — têm um radar embutido que as informa onde a vírgula tem que entrar em uma frase. Em termos de superpoderes, intuição em gramática está bem no final da escala de glória, mas fazia eu me dar bem com o sr. Hink, que por acaso também era o responsável por dirigir e organizar o jornal estudantil em que eu tinha me voluntariado desde o segundo ano, na esperança de um dia me tornar editor.

Foi mais ou menos na metade da aula de teatro da sra. Beady, que ocorre todas as quintas-feiras, durante a segunda semana de aula, que o telefone tocou e Beady o atendeu.

— Henry, Grace. O sr. Hink gostaria de vê-los em sua sala após a aula — ela disse depois de conversar com ele por alguns minutos. (Beady e Hink sempre foram amigos. Duas almas nascidas no século errado, em que o mundo gostava de tirar sarro de pessoas que ainda pensavam que arte era a coisa mais extraordinária que a humanidade já produzira ou produziria.)

Concordei com a cabeça e não olhei para Grace de propósito, mesmo que pudesse notar com minha visão periférica que ela estava me encarando do fundo da sala.

A maioria dos adolescentes que é chamada para a sala de seus professores depois da aula imagina o pior, mas, como eu disse, eu era, de maneira trágica, imune a escândalos. Eu sabia (ou esperava saber) por que Hink queria me ver. Grace tinha sido uma prisioneira em Westland High por apenas dois dias, tempo que dificilmente seria suficiente para transmitir tricomoníase a outro aluno e/ou dar qualquer tipo de surra depois da aula (embora ela *de fato* carregasse uma bengala e parecesse brava com frequência).

Por que o sr. Hink queria ver Grace era — como quase tudo sobre ela — um mistério.



## CAPÍTULO 3

**Grace já estava esperando** do lado de fora da sala de Hink quando cheguei lá. Mais uma vez ela vestia roupas masculinas, coisas diferentes desta vez, mas parecia muito mais limpa e saudável. Seu cabelo loiro tinha sido lavado e escovado. Fazia uma diferença considerável na aparência dela, mesmo que ter cabelo limpo fizesse com que ele caísse em mechas irregulares em torno dos ombros, como se ela o tivesse cortado sozinha com um aparador de grama enferrujado.

Sentei ao lado dela no banco, consciente por completo de meu corpo, tanto que me esqueci de como sentar de modo casual e tive que arranjar meus membros de propósito. Não conseguia acertar a postura, então meio que caí para a frente em uma pose desajeitada que fazia o pescoço doer, mas eu não queria me mover de novo porque conseguia ver que ela estava olhando para mim do canto do olho.

Grace se sentava com os joelhos apertados contra o peito, a bengala encaixada entre eles. Ela lia um livro com páginas esfarrapadas da cor de dentes manchados de café. Eu não conseguia

ler o título, mas via que era cheio de poemas. Quando ela me pegou espiando por cima do seu ombro, eu esperava que ela fechasse o livro ou o girasse num ângulo em que eu não conseguisse ver, mas, em vez disso, ela o virou um pouco na minha direção para que eu pudesse ler também.

O poema que Grace estava lendo, imaginei que várias vezes seguidas porque a página tinha dobras na margem, manchas de comida e estava de um modo geral em mau estado, era de um cara chamado Pablo Neruda, de quem eu nunca tinha ouvido falar. O título era “A dança”, o que me intrigou, então comecei a ler, mesmo que Hink não tivesse ainda conseguido me fazer gostar de poesia.

Dois versos em particular tinham sido destacados:

*amo-te como se amam certas coisas obscuras,  
secretamente, entre a sombra e a alma.*

Hink saiu da sala naquele momento, e Grace fechou o livro num estalo antes que eu pudesse terminar.

— Ah, bom, vejo que já se conheceram — disse Hink quando nos viu juntos.

Levantei depressa, para tirar meu corpo da posição esquisita em que eu o tinha colocado. Grace vacilou até a ponta do banco e se ergueu devagar, distribuindo o próprio peso com cuidado entre a bengala e a perna boa. Eu me perguntei pela primeira vez quão grave era aquela lesão. Por quanto tempo ela tinha estado assim? Ela havia nascido com uma perna ruim ou algum acidente trágico a atingira na infância?

— Bem, podem entrar.

A sala de Hink ficava no fim de um corredor que poderia ter sido considerado moderno e atraente em algum ponto no começo dos anos 1980. Paredes rosa-claras, iluminação fluorescente, plantas artificiais dolorosamente óbvias, aquele linóleo esquisito que deveria parecer granito, mas na verdade era feito de centenas de pequenos pedaços de plástico preenchidos com plástico laminado transparente. Segui Hink, meus passos mais lentos do que de costume, porque

queria que Grace caminhasse do meu lado. Não porque eu quisesse que ela, tipo assim, *caminhasse do meu lado*, sabe, mas pensei que ela poderia gostar disso, que poderia ser uma coisa legal de se fazer, ela poder andar no mesmo ritmo que outra pessoa. Mas, mesmo quando meus passos se mostravam lentos a ponto de enlouquecer, ela ainda ficava para trás, mancando a dois passos de distância de mim, até que pareceu que estávamos em uma corrida para ver quem conseguia andar mais devagar. Hink estava a dez passos de distância de nós a essa altura, então me apressei e a deixei para trás, e devo ter parecido um completo maluco.

Quando chegamos à sala de Hink (pequena, sem graça, pintada de verde; tão deprimente que me fazia pensar que era provável que ele participasse de um clube da luta nos fins de semana), ele nos recebeu e fez gestos para que nos sentássemos nas duas cadeiras em frente à sua mesa. Franzi a testa enquanto nos sentávamos, me perguntando por que Grace estava ali comigo.

— Vocês dois estão aqui, é claro, por causa de suas habilidades excepcionais de redação. Quando chegou o momento de escolher os editores-chefes para o jornal, não consegui pensar em nenhuma outra dupla melhor que...

— Não — disse Grace Town, interrompendo, e sua voz foi tamanho choque para mim que só então percebi que era a primeira vez que eu a ouvia falar. Ela tinha essa voz forte, clara e profunda, tão diferente da imagem fragmentada e tímida que ela exibia.

— Desculpe, como assim? — disse Hink, claramente tomado de surpresa.

— Não — repetiu Grace, como se fosse explicação suficiente.

— Eu... eu não entendo — disse Hink, seu olhar estalando para mim com uma expressão suplicante. Eu praticamente conseguia ouvi-lo gritar em silêncio por ajuda, mas tudo que eu podia fazer era dar de ombros.

— Não quero ser editora. Muito obrigada, de verdade, por pensar em mim. Mas não — Grace apanhou sua mochila do chão e se levantou.

— Srta. Town. Grace. Martin me falou de você especificamente antes do começo do ano letivo e me pediu para olhar seus trabalhos ainda de East River. Você ia assumir como editora do jornal dos alunos, imagino, se não tivesse mudado de escola. Não é isso?

— Eu não escrevo mais.

— É uma pena. Seu trabalho é lindo. Você tem um talento natural para palavras.

— E você tem um talento natural para clichês.

Hink estava tão chocado que ficou boquiaberto.

Grace suavizou um pouco.

— Desculpe. Mas são só palavras. Elas não querem dizer nada.

Grace olhou para mim com um tipo de expressão de desaprovação que eu não estava esperando e não entendi, então lançou a mochila sobre os ombros e mancou para fora. Hink e eu ficamos sentados ali em silêncio, tentando processar o que havia acabado de acontecer. Demorei uns bons dez segundos para perceber que estava bravo, mas, uma vez que percebi, também apanhei minha mochila, me levantei rápido e caminhei até a porta.

— Podemos falar disso amanhã? — eu disse a Hink, que devia ter adivinhado que eu iria atrás dela.

— Sim, sim, é claro. Venha me ver antes da aula — Hink me enxotou e corri pelo corredor, surpreendendo-me ao notar que Grace não estava lá. Quando abri a porta mais ao fundo e deixei o edifício, ela estava quase saindo da área da escola. Ela conseguia se mover rápido pra caramba quando queria. Acelerei atrás dela e, quando estava perto o suficiente para ser ouvido, gritei:

— Ei!

Ela se virou por um instante, me olhou de cima a baixo, fixou o olhar em mim e depois seguiu andando.

— Ei — eu disse sem ar quando enfim a alcancei e acompanhei o passo dela.

— O quê? — ela perguntou, ainda caminhando rápido, a ponta de sua bengala estalando contra o asfalto a cada passo. Um carro atrás de nós buzinou. Grace apontou com violência para a bengala e então

a sacudiu para eles. Eu nunca tinha visto um veículo se mover de uma maneira que eu descreveria como envergonhada.

— Bom... — eu disse, mas não consegui encontrar as palavras para dizer o que queria. Eu era um escritor decente o bastante, mas falar? Com sons? Da minha boca? Isso era um inferno.

— Bom o quê?

— Bom, eu não tinha planejado a conversa depois desse ponto.

— Você parece puto.

— Eu estou puto.

— Por quê?

— Porque as pessoas se matam trabalhando por anos para chegar a editor, e você aparece do nada no começo do último ano, tem a vaga oferecida numa bandeja de prata e recusa?

— Você se matou trabalhando?

— Pode acreditar. Tenho bajulado Hink, fingindo que sou um torturado escritor adolescente que se identifica de verdade com Holden Caulfield desde que eu tinha, tipo, quinze anos.

— Bom, parabéns. Eu não entendo por que está bravo. Em geral existe apenas um editor de qualquer forma, não é? O fato de eu recusar não afeta você de maneira alguma.

— Bom... quer dizer... por que você recusou?

— Porque não quero fazer isso.

— Mas...

— E comigo ausente, você vai poder tomar todas as decisões criativas e deixar o jornal bem do jeito que você provavelmente tem visualizado nos últimos dois anos.

— Bom... acho que sim... mas...

— Então, veja bem, você não tem como sair perdendo. De nada, aliás.

Proseguimos em silêncio por mais alguns minutos, até que minha raiva tivesse se dissipado por completo e eu não conseguisse mais me lembrar com exatidão por que eu a tinha perseguido para começo de conversa.

— *Por que* você ainda está me seguindo, Henry Page? — disse ela,

enfim parando no meio da rua, como se não se importasse com o fato de que um carro poderia vir e se chocar contra nós a qualquer instante. E percebi que, apesar de nunca termos sido apresentados e nunca termos falado antes de hoje, ela sabia meu nome e sobrenome.

— Você sabe quem eu sou? — perguntei.

— Sim. E você sabe quem eu sou, então não vamos fingir que não sabemos. Por que você ainda está me seguindo?

— Porque, *Grace Town*, eu caminhei para muito longe da escola e agora meu ônibus provavelmente já foi embora, e eu estava procurando uma maneira tranquila de sair da conversa, mas não encontrei uma, então me resignei ao meu destino.

— Que é?

— Caminhar em geral nessa direção até meus pais notificarem meu desaparecimento e a polícia me encontrar nas periferias da cidade e me levar pra casa.

Grace suspirou:

— Onde você mora?

— Bem ao lado do Cemitério Highgate.

— Está bem. Venha até minha casa. Deixo você lá.

— Ah. Incrível. Obrigado.

— Sob a condição de que você prometa não forçar esse troço todo de editora.

— Está bem. Nada de forçar. Você quer recusar uma oportunidade fantástica, isso é decisão sua.

— Bom.

Era uma tarde úmida no suburgatório, as nuvens acima de nós tão sólidas quanto cobertura de bolo, os gramados e árvores ainda brilhantes, naquele verde dourado do final do verão. Caminhamos lado a lado no asfalto quente. Houve mais cinco minutos de silêncio constrangedor em que procurei e procurei por uma pergunta para fazer a ela.

— Posso ler o resto daquele poema? — eu enfim disse, porque parecia a opção menos ruim. (Opção um: Então... você é, tipo, uma *cross-dresser* ou algo assim? Não que tenha algo de errado nisso; só

estou curioso. Opção dois: O que tá rolando com a sua perna, cara? Opção três: Você é definitivamente algum tipo de viciada em drogas, certo? Quer dizer, você acabou de sair da reabilitação, não é? Opção quatro: posso ler o resto daquele poema?)

— Que poema? — ela disse.

— O do Pablo qualquer coisa. A dança. Ou seja lá qual for o nome.

— Ah. Sim. — Grace parou e me estendeu a bengala, girou a mochila para a frente do corpo, pescou o livro surrado e o empurrou em minhas mãos. Ele caiu aberto em Pablo Neruda, então eu soube com certeza que era algo que ela tinha lido muitas vezes. Era para o verso sobre amar coisas obscuras que eu seguia voltando.

*amo-te como se amam certas coisas obscuras,  
secretamente, entre a sombra e a alma.*

— É lindo — eu disse a Grace enquanto fechava o livro e o devolvia a ela, porque era mesmo.

— Você acha? — Ela olhou para mim com esse olhar de genuíno questionamento no rosto, os olhos levemente apertados.

— Você não acha?

— Acho que é isso que as pessoas dizem quando leem poemas que não entendem. É triste, acho. Não lindo. — Eu não conseguia ver como um poema de amor perfeitamente bom era triste, mas, de novo, meu relacionamento amoroso mais próximo era meu laptop, então não disse nada. — Aqui — Grace disse enquanto abria o livro de novo e arrancava a página com o poema nela. Eu me encolhi como se estivesse sofrendo uma dor física. — Você deveria ficar com ele, se gostou. Ler poesia bonita é uma perda de tempo no meu caso.

Peguei o papel da mão dela, dobrei e o enfiei no bolso, metade de mim horrorizada por ela ter ferido um livro, a outra metade de mim exultante por ela ter me dado de tão bom grado algo que claramente significava muito para ela. Eu gostava de pessoas assim. Pessoas que conseguiam se separar de posses materiais com pouca ou nenhuma hesitação. Como Tyler Durden. “As coisas que você possui acabam

possuindo você” e tudo o mais.

A casa de Grace era exatamente o tipo de lugar em que eu esperava que ela morasse. O jardim tinha crescido demais, cheio de ervas daninhas, a grama se multiplicando de um jeito selvagem há algum tempo. As cortinas nas janelas estavam fechadas, e a casa em si, que tinha dois andares e era feita de tijolos cinza, parecia estar cedendo como se estivesse deprimida com o peso do mundo. Na entrada da garagem, havia um carro solitário, um pequeno Hyundai branco com um adesivo dos Strokes no para-brisa traseiro.

— Fique aqui — ela disse. — Tenho que pegar as chaves do carro.

Assenti e fiquei parado sozinho no gramado da frente enquanto a esperava. O carro, como tudo o mais a respeito dela, era estranho. Por que ela caminhava (ou mancava, na verdade) quinze minutos até a escola todos os dias se tinha carteira de motorista e um veículo à disposição? Todos os outros alunos do último ano que eu conhecia estavam enlouquecidos com o privilégio de dirigir até o shopping ou o McDonald’s durante o almoço, escapando dos confins da área escolar. E então, durante as tardes, ignoravam a linha de ônibus e dirigiam direto para casa, para comida e PlayStations e calças de moletom deliciosas, deliciosas e confortáveis.

— Você tem carteira de motorista? — Grace disse atrás de mim. Eu me assustei um pouco, porque nem sequer a tinha ouvido sair da casa, mas lá estava ela, sacodindo as chaves do carro com o dedo mindinho. Elas, também, tinham parafernália dos Strokes presa a elas. Eu nunca tinha ouvido muito o som deles antes, mas tentei me lembrar de procurá-los no Spotify quando chegasse em casa.

— Ah, sim. Tirei alguns meses atrás, mas não tenho um carro ainda.

— Bom. — Ela jogou para mim as chaves, caminhou para o lado do carona no carro e pegou o celular. Depois de mais ou menos vinte segundos, ela levantou os olhos da tela, as sobrancelhas erguidas: — E então? Vai destrancar o carro ou não?

— Você quer que *eu* dirija?